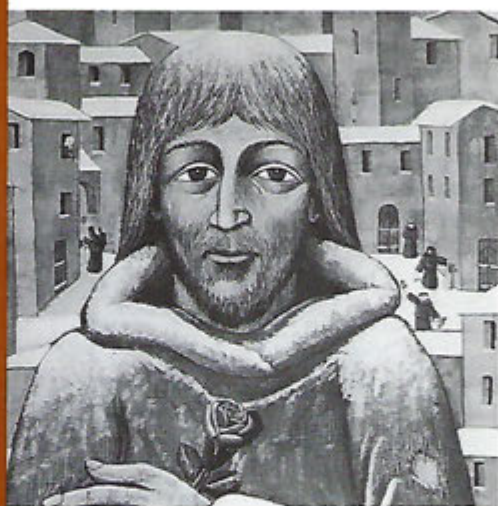


**Curso Básico
sobre o
Carisma
Missionário
Franciscano**



**Francisco
de Assis e a
opção pelos
pobres**



Lição 19

**Curso Básico
sobre o
Carisma
Missionário
Franciscano**



**Francisco
de Assis e a
opção pelos
pobres**



Petrópolis 2002

Lição 19

© FAMÍLIA FRANCISCANA DO BRASIL
Rua Coronel Veiga, 1705 – CEP 25655-152
Caixa Postal 90.174 CEP 25621-970
PETRÓPOLIS – RJ

Copyright do original alemão

Comissão Internacional do CCFMC.

Edição revisada conforme as propostas do Congresso Internacional do CCFMC,
em Assis, Itália, 1994.

Redação original em língua alemã

Anton Rotzetter OFMCap, Maria Crucis Doka OSF,
Margarethe Mehren OSF, Patricia Hoffmann-Kayser,
Othmar Noggler OFMCap, Horst von der Bey OFM e
Andreas Müller OFM

Layout

Jakina Ulrike Wesselmann
Centro Missionário dos Franciscanos (MZF)

Tradução para o português

Malina Hoepfner RSCJ

Revisão literária

Frei Celso Márcio Teixeira

Diagramação, paginação e fotolitos

Domus Design Gráfico

VOZES IMPRIMIU





Texto das Fontes

Da dignidade dos pobres

I. Introdução

II. Visão de Conjunto

III. Informação

1. Início de uma utopia
 1. Os pobres
 - 1.1. A pobreza e os pobres no fim do séc. XX
 - a nível sócio-político e económico
 - números demográficos
 - ulteriores conseqüências da pobreza
 - 1.2. Os pobres no Antigo Testamento
 - 1.3. Jesus e os pobres
 - 1.4. Os pobres na Idade Média
2. O movimento franciscano nas suas origens
 - 2.1. A realidade sócio-económica no séc. XIII
 - 2.2. A experiência de Francisco de Assis
 - 2.3. A experiência de Clara de Assis
 - Relação com o Cristo pobre
 - O privilégio da pobreza
 - 2.4. O movimento franciscano: dos pobres à pobreza
3. Resumindo as perspectivas:
 - 3.1. A posição social
 - 3.2. A justiça
 - 3.3. A visão dos pobres
 - 3.4. Uma nova ordem económica
 - 3.5. Uma nova maneira de exercer o poder

IV. Exercícios

V. Aplicações

VI. Bibliografia

VII. Legendas das Ilustrações



Texto das Fontes



a dignidade dos pobres

Francisco queria assemelhar-se em tudo aos pobres. Queria ser como um deles, não podendo suportar que alguém fosse mais pobre do que ele. E assim costumava dar aos pobres tudo que achava ter de supérfluo para o seu uso.



“Num certo dia, chegou ao lugar onde Francisco estava um pobrezinho doente. Compadecido por seu duplo sofrimento, a miséria e a dor, Francisco começou a conversar com um companheiro sobre a pobreza. Mas disse-lhe o companheiro: ‘Irmão, é verdade que esse aí é pobre, mas na província inteira não deve haver outro mais rico em desejos’. São Francisco repreendeu-o na hora e, quando confessou a sua culpa, disse-lhe:

‘Anda depressa, tira tua túnica, ajoelha-te aos pés do pobre e proclama que és culpado! Não peça apenas o perdão, roga também que reze por ti!’ O irmão obedeceu, fez o que tinha sido mandado e voltou. Disse-lhe o santo: ‘Quando vês um pobre, meu irmão, tens à frente um espelho do Senhor e de sua pobre Mãe’” (2Cel 85).





spectos da pobreza

O tema da pobreza é um dos mais importantes que, no decorrer da história da Igreja, desencadeou muitas lutas. A vida de Jesus pobre e seu "sermão da montanha" serviam de orientação não somente para os primeiros cristãos que procura-



vam viver a comunhão de bens (At 2; 4), mas também para os padres do deserto, a vida monástica, os movimentos de pobreza e das Ordens dos mendicantes nos séculos XII e XIII, as comunidades religiosas caritativas do século XIX, a evolução da doutrina social católica no pontificado de Leão XIII, e finalmente a opção pelos pobres, fundada biblicamente a partir do Vaticano II. Em todas as épocas, encontramos cristãos que desejam seguir Jesus de perto, do modo mais autêntico possível. E isto coincidia sempre com formas mais ou menos radicais de pobreza voluntária.

Todavia, temos que lembrar que o conceito de "pobreza" pode significar realidades bem diversas. Em primeiro lugar, trata-se de um mal imposto, um estado de sofrimento atroz que é preciso superar.

A pobreza pode ser ainda um ideal livremente escolhido, uma virtude, uma ajuda para chegar à maior liberdade interior, que faz parte da aspiração pela perfeição.

Conforme as transformações econômicas e sociais, muda também a compreensão do que seja a pobreza como ideal. Atualmente, estamos vendo que as discussões sobre esse tema estão sendo levadas sem consideração pela vida real dos que diariamente têm que sofrer as conseqüências da pobreza. Jesus, porém, se dirigia justamente a essa categoria de pobres.





opção evangélica

A presente Lição consiste em três partes, mas sempre se trata dos pobres, ao serviço dos quais Francisco e Clara se consagraram.

Na primeira parte, vamos observar a situação dos pobres, primeiramente no mundo atual, depois na Bíblia e finalmente no contexto medieval.

Na segunda parte, será estudada a situação sócio-econômica no século XIII. Diante deste fundo, procuraremos entender a experiência fundamental de Francisco e Clara de Assis: sua forma de seguimento de Jesus pobre e a dos seus primeiros irmãos e irmãs.

Na terceira parte serão resumidas algumas perspectivas básicas.



pobreza

Informação

III.

1.

A pobreza e os pobres no fim do século XX

1.1.

• A nível sócio-político e económico

No fim do século XX, o número dos que vivem em situação de empobrecimento imposto multiplicou-se enormemente. Simultaneamente, os ricos chegam a ser cada vez mais ricos. Também a distância entre as nações industrializadas e os países que são considerados como sendo de terceira classe (= "Terceiro Mundo"¹) tende a crescer.

As sete nações industrializadas mais ricas (G 7)² estão ocupadas, sobretudo, com seus próprios interesses e problemas, como fazem também os ricos nos assim-chamados países do Terceiro Mundo, que não chegam a enxergar a possibilidade de uma ordem económica mundial mais justa. Em toda parte, o rendimento está distribuído de modo desigual.

As condições injustas de comércio entre o norte e o sul levam a um empobrecimento crescente dos países do Terceiro Mundo. Ainda antes da revolução industrial (cerca de 1750), as diferenças de nível de vida entre os países que hoje consideramos desenvolvidos e aqueles que identificamos como subdesenvolvidos eram pouco significantes. Mas um século depois, a situação já era muito diferente: o abismo entre os dois grupos se abriu. Pelo ano 1850, os países industrializados tinham um PIB³ de 150 a 170 dólares. Hoje o seu PIB mensal está entre 6.000 e 32.250 dólares (Suíça), enquanto o PIB dos países mais pobres é quase 420 dólares. Em 1970, a proporção entre os dois grupos era de 40:1.

Esta evolução foi parcialmente motivada pela conquista e sujeição de países de além-mar pelos poderes colonizadores da Europa. Sabemos pela história: através de juros, o dinheiro gera mais dinheiro. Esta é a razão por que o processo da acumulação de capital⁴ se acelera constantemente.

¹ Não como conceito geográfico, mas como classificação económica, designam os países pouco desenvolvidos, sobretudo os menos desenvolvidos.

² Alemanha, França, Inglaterra, Itália, Japão, Canadá, EUA.

³ Indicador comparativo de desenvolvimento económico. Para calcular esta média, o rendimento total de um país é dividido pelo número de seus habitantes.

⁴ Pode tratar-se de dinheiro acumulado ou de bens imobiliários, máquinas e terras, que são utilizados para produzir ainda outros bens.



Com ajuda do capital, a tecnologia é aperfeiçoada. Desta maneira, países industrialmente menos desenvolvidos, em medida acelerada entram em dependência dos ricos, tornando-se, em seguida, cada vez mais pobres. O desenvolvimento acontece de modo desigual e injusto. A riqueza de uns acontece à custa da pobreza de outros.

Assim como dinheiro gera dinheiro, do mesmo modo pobreza gera pobreza. Conforme dados fornecidos pelo economista escandinavo R. Nurske, *“os pobres são pobres porque são pobres!”* Suas rendas são insignificantes demais para permitir que façam economias. Em consequência, não podem investir. Em outras palavras, suas máquinas e fábricas envelhecem e estragam-se. Evidentemente, não conseguem produzir bastante para poder viver da venda dos produtos. Nem pensar em assegurar o futuro. O que não lhes permite dar ou receber salários melhores. Assim o círculo vicioso se fecha.

Seguem dados do *“Relatório sobre o desenvolvimento humano em 1992”* do Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas (UNDP):

- Do rendimento mundial total, 82,7% vão a 20% dos ricos;
- 1,4% deste mesmo rendimento mundial vão a 20% dos pobres.
- Em 1960, os países ricos dispunham de um rendimento que era 30 vezes mais alto que o dos países pobres. Em 1990, esta proporção dobrou. Os países ricos atualmente possuem 60 vezes mais que os países pobres.
- 20% da população mais pobre do mundo recebem somente 0,2% dos empréstimos concedidos por bancos internacionais.
- Eles recebem 1,3% dos investimentos internacionais,
- participam de 1% do comércio internacional
- e chegam a 1,4% dos rendimentos internacionais.

Os países pobres não têm acesso:

- a créditos, não podendo pedir dinheiro emprestado;
- a capitais, não podendo ter sua própria fortuna;
- à tecnologia, não podendo melhorar os métodos de produção de modo significativo.

Comparados aos países em desenvolvimento, países do hemisfério norte dispõem de nove vezes mais cientistas e pessoas tecnicamente formadas, assim como 24 vezes mais de investimentos no campo da tecnologia.

Vivemos num mundo injusto. O direito de cada ser humano a uma alimentação suficiente, assim como reza o artigo 25 de Declaração dos Direitos Humanos, continua sendo uma teoria.

A realidade é diferente:

- 25% da população mundial são superalimentados ou satisfatoriamente alimentados;

- 15% vivem com uma alimentação qualitativamente suficiente (2500/2800 calorias⁵), porém pobre em proteínas animais;
- 20% estão no limite das 2500 calorias diariamente necessárias, mas sem a necessária quantidade de proteínas animais;
- 30% da população mundial são subnutridos;
- 10% da humanidade sofrem de fome crônica.
- Anualmente, um europeu come, em média, 70 quilos de carne; na África Central, cada pessoa come um quilo de carne.
- Um europeu toma 100 litros de leite anualmente, um peruano toma 10 litros.

Resumindo:

60% da população mundial sofrem, de uma ou outra forma, de subalimentação. Calcula-se que, no ano de 1980, 16 milhões de crianças com menos de cinco anos morreram de desnutrição.

“Enquanto enorme multidão tem falta ainda de coisas absolutamente necessárias, alguns, mesmo em regiões menos desenvolvidas, vivem na opulência ou desperdiçam os bens. O luxo e a miséria existem simultaneamente. Enquanto poucos gozam do máximo poder de deliberação, muitos carecem de quase toda possibilidade de iniciativa pessoal e de responsabilidade de ação, encontrando-se muitas vezes mesmo a pessoa humana em condições indignas de vida e de trabalho” (CS 63).

Freqüentemente, os ricos vêem com apreensão o crescimento demográfico nos países pobres e se engajam em campanhas de planejamento familiar; ou chegam a preocupar-se porque as riquezas do subsolo são limitadas. Mesmo assim, um norte-americano, sozinho, gasta tanta energia como:

- 2 europeus,
- 55 indianos,
- 168 habitantes da Tanzânia,
- 900 habitantes do Nepal.

70% da população mundial pobre gastam:

- 15% da energia,
- 30% do trigo,
- recebem 18% do lucro comercial,
- possuem 8% da indústria,

⁵ Unidade de energia, sobretudo de energia térmica.



- ☐☐☐ gastam 6% em saúde
- ☐☐☐ e dispõem de 17% dos bens adquiridos (PIB = Produto Interno Bruto).

Durante uma viagem ao Canadá, o Papa João Paulo II disse: *“Um dia, o pobre Sul vai julgar o rico Norte. E os pobres, assim como os povos empobrecidos, vão julgar aqueles que retêm os bens, acumulando para si, à custa dos outros, o monopólio imperialista da superioridade econômica e política”*. (De um sermão feito em Edmonton, 17 de setembro de 1984)

- Um bilhão de crianças vive nos países pobres,
- ☐☐☐ onde de cada quatro crianças, uma passa fome;
- ☐☐☐ de cada cinco crianças, duas não podem ir à escola;
- ☐☐☐ de cada cinco crianças, quatro vivem em zonas rurais, onde não há água potável;
- ☐☐☐ e de cada cinco crianças, quatro não recebem atendimento médico.

• Números demográficos:

Segundo estatísticas da ONU, em 1992, a população mundial aumentou em 5.480 milhões. Para o ano 2.000 calcula-se que serão mais de 6.000 milhões. No decorrer do próximo decênio, espera-se um crescimento de 9.7 milhões, o mais alto na história da humanidade.

Este crescimento demográfico constante e a exploração da riqueza do subsolo vão desencadear uma catástrofe ecológica mundial, se não forem tomadas medidas imediatas. Somente um equilíbrio entre população, consumo e desenvolvimento possibilitaria a eliminação da pobreza fatal sem destruir os fundamentos da vida.

Entre 1980 e 1987, o número de crianças analfabetas cresceu anualmente em 30 milhões. De 95 milhões de crianças, que entraram na escola em 1988, 25 milhões não terminaram a 4ª série primária; isto significa 26%. A América Latina, o Caribe e a Ásia meridional são as regiões mais atingidas. No mesmo período, cresceu o número de pobres que têm que viver com menos que o mínimo necessário para existir (= pobreza absoluta). Na África, esse número aumentou de 166 a 273 milhões; na Ásia, de 662 a 737 milhões; e na América Latina de 130 a 204 milhões.

“É preciso denunciar o empenho dos mecanismos econômicos, financeiros e sociais que, apesar de serem dirigidos por pessoas humanas, funcionam quase automaticamente, consolidando a situação de riqueza de uns e de pobreza de outros” (João Paulo II, SRS 16).

Em outras palavras, na atual ordem econômica mundial, denunciada pelos latino-americanos como um “desenfreado capitalismo”, quem paga as consequências é a classe média,

cada vez menos numerosa, assim como as camadas da população com rendimentos mais baixos.

Falar de livre concorrência entre grupos humanos e regiões tão desiguais significaria o mesmo que admitir uma luta entre lobos e ovelhas. Em cada luta há vencedores e vencidos. A livre economia do mercado reforça e enriquece necessariamente aqueles que já têm dinheiro. Da mesma maneira, debilita e empobrece aqueles que só podem contar com sua força física e seu trabalho.

Esta injustiça chegou a ser o maior desafio da humanidade. Quanto maior a injustiça no mundo, tanto maior será também a agitação política e social. O mundo, onde a riqueza e o luxo de poucos crescem enquanto a maioria se afunda cada vez mais na pobreza e na miséria, é um mundo sem futuro. Um tal desenvolvimento vai levar, mais cedo ou mais tarde, a uma explosão social devastadora.

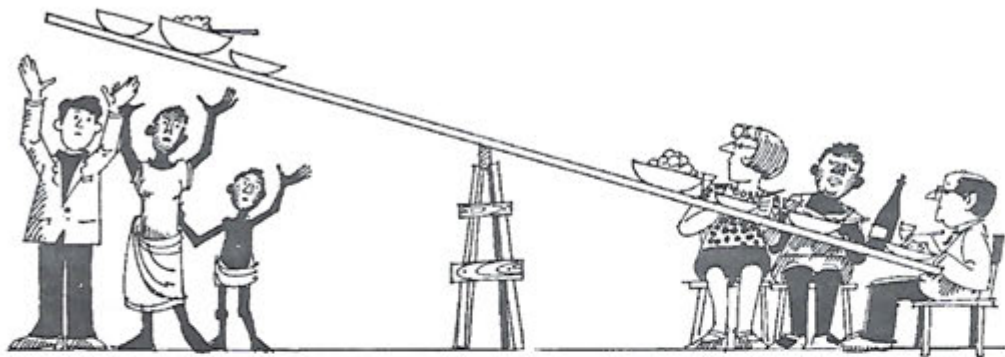
Nas metrópoles latino-americanas, o rendimento dos pobres caiu entre 1980 e 1990 em 10%. Simultaneamente, o rendimento de 5% da população, que representam os mais ricos, aumentou em 15%.

“O Relatório de 1992 sobre o desenvolvimento humano” das Nações Unidas mostra-nos também um mundo, onde o abismo entre os pobres e os ricos cresce constantemente. O “abismo da desigualdade” aprofunda-se, como já vimos, cada vez mais. Uma das causas (e não a única) é o fato de que o modelo econômico neoliberal conseguiu impor-se (cf. Lição 21).

• Ulteriores conseqüências da pobreza

No ano de 1992, os bispos latino-americanos, reunidos em Santo Domingo, apelaram a todos os cristãos do continente para que compreendam o fenômeno da pobreza de modo global:

“Lembramos, particularmente, todos os que sofrem: os enfermos, os anciãos que vivem na solidão, os meninos abandonados. Olhamos, também, os que são vítimas de injustiça: os marginalizados, os mais pobres, os moradores das periferias das grandes cidades, os indi-





genas e afro-americanos, os camponeses, os sem-terra, os desempregados, os sem moradia, as mulheres privadas de seus direitos. Interpelam-nos, ainda, outras formas de opressão: a violência, a pornografia, o tráfico e o uso de drogas, o terrorismo, o seqüestro de pessoas e muitos outros problemas cruciais” (SD 17).

Os pobres no Antigo Testamento

1.2.

A Sagrada Escritura é um rico mosaico de tradições e crenças. Não encontramos nela uma “teologia da pobreza” unificada, mas sim pronunciamentos fundamentais a respeito da pobreza. Os conceitos e termos utilizados para designar os pobres já demonstram um quadro multiforme:

Na **língua hebraica**, a saber, a língua na qual a Bíblia originalmente foi escrita, os pobres são:

- *** aqueles que precisam de ajuda,
- *** que lutam pela sobrevivência,
- *** que carecem daquilo que necessitariam para serem respeitados. Portanto, não são nobres, nem poderosos ou cultos. Ao contrário, são desprezados, explorados e entregues à injustiça daqueles que dispõem dos meios do poder.

No Antigo Testamento, a situação dos pobres é descrita também com outros termos. A tradução grega (= Septuaginta) e a tradução latina (= Vulgata) se abrem a outras culturas, onde os termos usados para designar os pobres refletem outras situações de vida.

A **tradução grega** do Antigo Testamento oferece três palavras-chave. Pobres são:

- ... aqueles que têm que trabalhar para sobreviver;
- ... que necessitam da ajuda dos outros;
- ... são os oprimidos, sofrendo de pre-ocupações constantes.



Na **Bíblia latina**, encontramos as seguintes palavras que descrevem os pobres:

- ... são aqueles que produzem pouco (= egenus);
- ... que carecem de tudo, não tendo riquezas (= inops);
- ... e ainda os deficientes físicos que têm que mendigar (= mendicans).

Do ponto de vista teológico, encontramos logo, pelo menos duas correntes opostas:

(1) A riqueza material e a saúde são sinais seguros da benevolência de Deus. Portanto, pobreza e doença são sinais de sua maldição (cf. Lv 25,21; Dt 28,8).

Essa convicção continua até hoje em certas tendências teológicas. O sociólogo Max Weber viu aí o fundamento espiritual do sucesso histórico do capitalismo de cunho protestante.

(2) A corrente profética opõe-se a essa opinião:

Ser pobre é a sorte do justo. Os pobres são os preferidos de Deus, os que ele protege incondicionalmente. *“Ele terá compaixão do fraco e do indefeso e salvará a vida dos pobres. Da opressão e da violência lhes resgatará a vida e o sangue, que é precioso a seus olhos”* (Sl 72,13-14).

Os pobres não poderão esperar ajuda de ninguém. Só lhes resta Deus como sua única esperança. Por isso, são chamados *“anawim Jahwe”* (= os pobres de Deus) nos mais recentes livros do Antigo Testamento e também no Novo Testamento (cf. o *“Magnificat”* e as Bem-aventuranças).

Segundo o **escritor do Deuterônomo**, Deus sempre escolhe o mais fraco, o mais jovem, a infecunda, a impotente: *“Perdão, meu senhor! Como posso salvar Israel? Minha família é a menor de Manassés, e eu sou o mais novo na casa do meu pai”* (Jz 6,15).



O **profeta Isaías** emite a crítica de Deus contra os ricos: *“Ai daqueles que ajuntam casa a casa e aproximam campo a campo, até que não haja mais lugar e habitem sozinhos no meio do país”* (Is 5,8). De acordo com o plano divino, não deve haver pobres no Povo de Deus; ou seja, não deve haver empobrecidos por estruturas pecaminosas, por própria culpa ou prejudicados por catástrofes naturais e golpes da sorte. É preciso aproximar-se deles de coração aberto. *“Uma vez que nunca deixará de haver pobres na terra, eu te dou este mandamento: Abre a mão para o irmão, para o necessitado e para o pobre de tua terra”* (Dt 15,11; cf. Mt 26,11, Mc 14,7; Jo 12,8). Um dia, serão esses pobres que vão herdar a terra (cf. Mt 5,3).



Deus escuta o clamor dos pobres, simplesmente porque são pobres. Por isso, Deus dá muito mais importância à atenção que alguém dá aos pobres e à justiça do que a belas celebrações litúrgicas. É tarefa dos justos: *“Reparte o pão com o faminto, acolhe em casa os pobres sem teto. Quando vires um homem sem roupa, veste-o e não te recuses a ajudar o próximo”* (Is 58,7). Os Salmos são cânticos dos pobres que clamam a Deus e são ouvidos pelo Senhor.

Jesus e os pobres

1.3.

No tempo de Jesus, Israel formava uma pequena colônia dentro do Império Romano, cuja influência impregnava toda vida social e econômica. Havia usufrutuários e exploradores. Além disso, o povo judeu estava dividido em classes sociais, formadas pelos sumos Sacerdotes, o Sinédrio e os escribas de um lado, e do outro lado pelos pobres, oprimidos e incultos (= *anawim*). É, sobretudo, a estes últimos que Jesus se dedicava.

Os **sumos sacerdotes** eram descendentes da nobreza sacerdotal e de famílias abastadas. Eram os representantes oficiais da religião, tinham a responsabilidade pelo Templo e a liturgia. O culto no Templo era uma verdadeira empresa, que conferia aos sumos sacerdotes poder político, religioso e financeiro. Por exemplo, todos os judeus de mais de 12 anos de idade tinham que pagar um imposto ao Templo, mesmo morando no exterior, e estes eram numerosos. De acordo com cálculos modernos, esse imposto valia, mais ou menos, o equivalente a duas diárias (cf. Lc 18,12; Mt 23,23). Além disso, entravam as oferendas e



as esmolas dos ricos (cf. Mc 7,11; 11,15; cf. Mc 12,41-44; Jo 2,13-22). Na sua maioria, os **saduceus** tinham uma origem nobre; muitos até descendiam da classe sacerdotal. Sua tarefa era zelar pelo culto no Templo. Alguns assumiam ainda a interpretação das Escrituras. Teologicamente eram conservadores e recusavam-se a crer na ressurreição dos mortos, negando também a existência de anjos e espíritos. Na política, colaboravam com a potência de ocu-

pação e daí tiravam consideráveis vantagens.

Os **anciãos**, que formavam o **Sinédrio**, eram leigos, descendentes de famílias nobres. Sua tarefa era conduzir o povo.

Os **escribas** também pertenciam ao grupo dos leigos. Tinham três tarefas: (1) o ensino da Lei, baseada na Lei de Moisés, mas depois desenvolvida teoricamente, para adaptar-se às circunstâncias da época. (2) ensinavam aos seus discípulos o conhecimento da Lei; (3) pronunciavam as sentenças jurídicas durante as reuniões do tribunal.

Os **fariseus** representavam a maioria entre os escribas.

Seu nome significa “os separados”; a saber, isolavam-se dos leigos, formando uma espécie de congregação religiosa. Levavam a Lei de Moisés muito a sério, querendo segui-la até nos mínimos detalhes. Obedeciam, sobretudo, a todas as prescrições de purificação. Levados pelo desejo de se manterem “puros”, evitavam o contato com pessoas de conduta duvidosa. Aos seus olhos, o desconhecimento da Lei tornava os pobres inferiores, pecadores, renegados da fé, enfim ateus (cf. Lc 18,9; Mt 9,10; Lc 15,1-2; Jo 7,49). Apesar de sua auto-suficiência, tinham muita influência no povo e dominavam as pessoas, criando nelas complexos de culpabilidade e de inferioridade. Foram acusados de recolherem dinheiro do povo simples, sob alegação de piedade (cf. Mt 23,25-28; Mc 12,40; Lc 11,39; 16,14). Ao contrário dos saduceus, os fariseus acreditavam na ressurreição.

Os **zelotas** eram membros de um movimento político de libertação. Acreditavam que Deus iria interferir



na história somente depois que se tivesse feito todo o possível para livrar o país do jugo da ocupação romana. Aceitavam a violência e o terror como meios válidos para alcançar a liberdade. Rejeitavam o recenseamento e os impostos e gozavam de grande simpatia entre o povo simples. Com referência ao ano jubilar (cf. Lv 25), queriam redistribuir a propriedade de maneira nova e perdoar as dívidas acumuladas. No início da Guerra Judaica (65 d.C.), destruíram as listas dos devedores para libertar os pobres do jugo dos ricos.

Resumindo, pode-se dizer: O povo esperava que Deus interferisse no decorrer da história para inaugurar o seu reino. Então, iria começar uma época de justiça, paz e bem-estar para todos, como fora anunciada pelos profetas.

A população rural, desprezada e abandonada pelos seus líderes espirituais, estava desorientada. Os pobres já não esperavam nada de uma eventual promoção humana e não dispunham dos meios para tomar em mãos a sua própria sorte.

Nesta época, marcada pela falta de liderança e de orientação, Jesus apresentou-se em Nazaré como um membro do povo simples, oriundo de Nazaré, cidade da Galiléia desprezada, de onde não podia *"sair nenhuma coisa boa"* (Jo 1,46), na opinião dos líderes em Jerusalém. Jesus viu que esse povo era como *"um rebanho sem pastor"* e assumiu o papel do *"Bom Pastor"* (Jo 10,11-21; cf.

Ez 34,11-31), ansiosamente esperado pelos pobres e humildes.

O Evangelho de Lucas cita o cântico de Maria que exprime a esperança que se realizaria em Jesus: *"Derrubou os poderosos de seus tronos e exaltou os humildes. Encheu de bens os famintos e os ricos despediu de mãos vazias"* (Lc 1,52-53).

Jesus nasceu fora da vida regular de uma cidade, numa gruta que servia de abrigo aos pastores indigentes e seus rebanhos. O velho Simeão viu em Jesus um sinal *"destinado a ser ocasião de queda e elevação de muitos em Israel e sinal de contradição"* (Lc 2,34). No início de sua vida pública, o próprio Jesus anunciou o sentido de sua vida: *"Chegou a Nazaré onde se criara. Segundo seu cos-*



tume, entrou no sábado na sinagoga e se levantou para fazer a leitura. Deram-lhe o livro do profeta Isaías. Abrindo o manuscrito, deu com a passagem onde se lia: 'O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para evangelizar os pobres; enviou-me para anunciar aos presos a libertação, aos cegos a recuperação da vista, para pôr em liberdade os oprimidos, e para anunciar um ano de graça do Senhor.' E, enrolando o manuscrito, devolveu-o ao assistente e sentou-se. Os olhos de todos os presentes na sinagoga se fixaram nele. E começou a falar: 'Hoje se cumpriu a Escritura que acabais de ouvir.' Todos se puseram a falar dele e, maravilhados das palavras cheias de graça que saíam de sua boca, diziam: 'Não é este o filho de José?' (Lc 4,16-22).

Tudo o que o Evangelho de Lucas relata em seguida não é outra coisa que a realização daquilo que Jesus havia anunciado, engajando-se resolutamente em favor dos pobres e fracos, dos oprimidos e explorados, tendo finalmente que pagar com sua vida pelo compromisso que assumiu.

Também os outros Evangelhos falam de maneira semelhante, dizendo que Jesus era um homem que não tinha "onde reclinar a sua cabeça", demonstrando uma solidariedade inequívoca com os pobres. Quem quer segui-lo deve abandonar qualquer desejo de possuir riquezas e procurar, junto com Jesus, a companhia dos pobres (cf. Mc 10). Pois os pobres e sofridos, os fracos, perseguidos e explorados teriam que experimentar e saber que "o Reino dos céus é deles", como também o consolo definitivo, a vida, a justiça, a terra inteira (cf. Mt 5).

Após a crucificação de Jesus e na certeza de que Ele continuava vivo no meio deles apesar de tudo, os cristãos começaram a refletir sobre aquilo que lhes acontecia. Descobriram que havia muito mais a dizer e a crer do que certas histórias de curas e de vida reencontrada. Acreditaram que Deus, em princípio, se coloca do lado da humanidade, mas sobretudo dos simples e pobres. "Eu te louvo, Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e entendidos e as revelaste aos pequeninos" (Mt 11,25).

De acordo com suas convicções, os cristãos professam que Jesus demonstra, desde o momento do seu nascimento até o último suspiro na Cruz, que Deus tomou o partido dos pobres. Proclamam até que Deus se fez homem. No termo "Encarnação", resumimos simbolicamente tudo que podemos dizer sobre Deus. Deus desceu até o mais profundo da humanidade, aos pequenos e pobres, os escravizados e condenados. Ultimamente, fala-se da "opção preferencial" de Deus pelos pobres. O hino bíblico cita até o "aniquilamento" de Jesus (Fl 2,7). Não conseguimos traduzir adequadamente a correspondente palavra grega: "kenosis". Em todo caso, quer dizer que Deus se deu totalmente aos homens e é somente assim que ele continua fiel a si mesmo. O citado hino fala literalmente: "Ele, subsistindo na condição de Deus, não pretendeu reter para si ser igual a Deus. Mas aniquilou-se a si mesmo, assumindo a condição de servo, tornando-se solidário com os homens. E, apresentando-se como simples homem, humilhou-se feito obediente até a morte, até a morte de cruz" (Fl 2,6-8).



Se a Igreja, necessariamente, há de ser a Igreja dos pobres, deve treinar o olhar para reconhecer as múltiplas formas da pobreza. Para entender as conexões dentro das quais os homens da Idade Média, entre eles Francisco de Assis, viam a pobreza, será preciso fazer as seguintes distinções:

- *** Pobres aparecem, muitas vezes, em contraste aos “cavaleiros” e “soldados” (= *bellatores*). Os pobres, ao lado dos quais está Deus e, portanto, também Francisco, são aqueles que não têm armas, que estão sem defesa frente aos poderes militares e, muitas vezes, tornam-se suas vítimas.
- *** Pobreza está em oposição à **riqueza**. Precisamente a época, em que vivia Francisco, está marcada por este contraste. A revolução comercial marginalizou a maior parte da população, criando indigência e miséria. Os pobres, ao lado dos quais está Deus e, portanto, também Francisco, são aqueles que são prejudicados pelo poder do dinheiro e pelos interesses econômicos. Facilmente, são sacrificados aos investimentos, à expansão, ao capital.
- *** Pobreza deve ser vista também em oposição ao “**poder**”. Os pobres, ao lado dos quais está Deus e também Francisco, são portanto aqueles que não têm voz nem vez; que, impotentes, ficam entregues ao que se dispõe a respeito deles.
- *** Pobreza está em oposição à “**burguesia**”. Os pobres, ao lado dos quais está Deus e também Francisco, são os estrangeiros, os trabalhadores migrantes, de fora e de dentro, que têm apenas os poucos direitos que se lhes concedem; aqueles que são chamados, quando se precisa deles, e que são enxotados quando são considerados inúteis.
- *** Pobreza fica em oposição à “**nobreza**”. Mesmo que esta relação, hoje, já não tenha o mesmo significado, não deixa de ter suas consequências. Os pobres, ao lado dos quais está Deus e, portanto, também Francisco, são aqueles que não têm nem título nem prestígio, o povo baixo, os iletrados, os criminosos, as prostitutas.



- Outro campo de relação da pobreza que deve ser mencionado é a “saúde”. Os pobres, ao lado dos quais está Deus e, portanto, também Francisco, são aqueles que estão doentes na alma, na mente, no corpo.
- Finalmente existe uma relação nítida entre pobreza e o estado social dos “bem casados”, respectivamente os que têm “bons pais”. Os pobres, ao lado dos quais estão Deus e, portanto, também Francisco, são aqueles que não recebem apoio social, os sem-relações, os não-amados: os viúvos, desquitados, órfãos, aqueles que por motivos sociais não podem casar.

Estes pares de contrastes, e quiçá outros ainda, devem ser vistos como um desafio para a Igreja inteira, principalmente para o movimento franciscano. Pois daí resulta o clamor por outras formas de vida que dêem testemunho no meio dos pobres desta terra. Em todo caso, deve-se afirmar: fora da pobreza não há Igreja (= “extra paupertatem nulla ecclesia”).



movimento franciscano nas suas origens

2.

A realidade sócio-econômica no século XIII

2.1.

Na segunda metade do século XII, começou uma época que costuma chamar-se de “capitalismo primitivo”. Comércio e indústria desenvolveram-se ininterruptamente. Surgiam novas cidades, e difundiu-se o espírito de uma crescente burguesia. A acumulação de dinheiro permitiu uma certa industrialização.

Com relação a isto, é possível constatar no século XIII certos fenômenos que, séculos depois, caracterizavam também a Europa no século XIX e que são, atualmente, típicos para a situação vivida nos países do hemisfério sul, a saber, a necessidade de se sentir seguro, a possibilidade de melhorar o trabalho, a esperança de alcançar um estilo de vida mais elevado. A riqueza cultural atraía as pessoas à vida na cidade, causando um êxodo rural. Na maioria dos casos, essa esperança de uma vida melhor ficava desenganada, causando a criação de cintos de miséria na periferia das grandes cidades, onde se abrigava uma população paupérrima, chegando a constituir 80% da população urbana.

Essa situação inquietante abalou a consciência de certos homens e mulheres, como Francisco e Clara, que pertenciam a famílias abastecidas e poderosas. Causaram o surgimento de movimentos de pobreza, cujos membros se perguntaram como se podia ser cristão nestas novas condições econômicas. Independentes uns dos outros, descobriram a história



da vocação frustrada do jovem rico (cf. Mc 10). A vocação a uma vida apostólica, em seguimento à vida dos pobres pregadores ambulantes que se juntaram a Jesus, chegou a ser o motivo desencadeante e simultaneamente uma crítica à Igreja.

As classes dirigentes da Igreja e da sociedade não possuíam nem visão suficiente nem capacidade política para compreender esse processo. Portanto, todos aqueles que, de uma ou outra forma, se juntaram a um movimento radical de protesto foram taxados de heréticos e foram perseguidos em seguida.

A experiência de Francisco de Assis

2.2.

Francisco viu no leproso a imagem mais radical do pobre. Era como se na lepra se resumisse tudo aquilo que ataca e corrompe o corpo e a alma. Como Francisco dizia, foi o próprio Deus quem o conduziu no meio dos leprosos e esse encontro transformou sua vida definitivamente (cf. Test 1-4).

O movimento franciscano de pobreza reúne pessoas de todas as classes e camadas sociais: Francisco era filho de um rico comerciante, Bernardo e Clara descendiam da nobreza, Irmão Silvestre era sacerdote, Pacífico um saltimbanco pobre e desprezado, Egídio um camponês que não sabia nem ler nem escrever... Todos eles queriam partilhar a vida e a pobreza dos homens indefesos e sem privilégios. Os irmãos *“devem estar satisfeitos quando estão no meio de gente comum e desprezada, de pobres e fracos, enfermos e leprosos e mendigos de rua”* (RegNB 9,3). Tudo isto é expresso pelo nome: *“menores”* (= menores), que Francisco deu a sua comunidade.

Há muitas histórias que falam do sentido de justiça de São Francisco e de sua solidariedade com os pobres, p.ex. a seguinte: *“Voltando de Sena (Francisco) encontrou um pobre e disse ao frade que ia com ele: ‘É bom darmos a capa a este pobrezinho, irmão. Nós a recebemos de empréstimo, até encontrarmos alguém mais pobre que nós.’ O companheiro, vendo a necessidade em que se achava o santo pai, resistiu firmemente para que não ajudas-*



se o outro, desprezando a si mesmo. Mas o santo retrucou: 'Não quero ser ladrão. Seria roubo, se não dêssemos ao que precisa mais'" (2Cel 87).

No centro das experiências de Francisco de Assis estava o Jesus dos Evangelhos, cujos vestígios e cuja doutrina era preciso descobrir e seguir sem restrições. Jesus não é somente aquele que fez milagres e falou palavras poderosas, mas é também o Cristo pobre, sem propriedade, que nasceu numa manjedoura e morreu numa Cruz. Francisco olhava o mundo, a humanidade e Deus a partir desta perspectiva. Não precisava da interpretação dos teólogos para descobrir o Cristo dos Evangelhos.

Desta maneira, o conflito com a Igreja ficou inevitável. Os movimentos de pobreza da Idade Média não conseguiram resolver a tensão entre o Evangelho, compreendido de maneira radical, e a Igreja institucional. O confronto levou várias vezes a uma ruptura com a Igreja. Francisco conseguiu evitar um tal desfecho pelo pedido que fez que fosse nomeado um cardeal protetor⁶, que protegesse os Irmãos para fora e para dentro.

O costume de mendigar não era para os irmãos um ato de humildade, mas uma necessidade, resultando da decisão definitiva de permanecer pequeno e pobre. Os pobres e pequenos experimentam que a diária lhes é retida. *"E se por acaso não nos pagarem pelo trabalho, vamos recorrer à mesa do Senhor e pedir esmola de porta em porta"* (Test 22).

Francisco queria que, até nas ermidas, os irmãos mendigassem a comida dos próprios irmãos, em solidariedade com os pobres (cf. RegEr 5).

A experiência humilhante de ter que mendigar foi visto positivamente por Francisco de Assis, pois lhe lembrava que Cristo e Maria eram pobres e tiveram a mesma sorte (cf. RegNB 9,5).

A experiência de Clara de Assis

2.3.

• A relação com o Cristo pobre

Como Francisco, também Clara seguia o Evangelho. Sua atitude se fundamenta na profunda admiração e no silêncio, na meditação penetrante da realidade da fé, que Deus se revela de modo incrível, fazendo-se homem, carne, pobre. Este é o núcleo central do carisma franciscano:

"Neste espelho, portanto, resplandecem a santa pobreza, a sagrada humildade e a inefável caridade, como nele poderás, com a graça de Deus contemplar.

Atende, digo-te, àquilo que este espelho mostra em primeiro lugar, a saber, a pobreza daquele que está deitado no presépio, envolto em panos. Ó admirável humildade, ó

⁶ Um cardeal encarregado pela Igreja de cuidar dos assuntos da Ordem.



estupenda pobreza. O Rei dos anjos, Senhor do céu e da terra, repousa numa manjedoura.

Contempla o que te mostra esse espelho em seguida: a humildade junto com a santa pobreza e tantas fadigas e dores que Ele suportou pela redenção do gênero humano.

Por fim, observa nesse mesmo espelho a inefável caridade com que quis sofrer na cruz e nela morrer a morte mais cruel. Colocado no lenho da cruz, esse mesmo espelho adverte aos que passam dizendo: 'Ó vós todos, que passais pelo caminho, olhai e julgai se existe dor igual à dor que me atormenta' (Lm 1,12). Respondamos a ele que clama e geme, assim nos exorta esse espelho, com uma só voz e com um só espírito: 'A pensar nisto sem cessar, a minha alma desfalece dentro de mim' (Lm 3,20)" (4CtIn 15-24).

Esse modo de falar lembra a devoção natalina de São Francisco. Clara assumiu as recomendações de Francisco, "aceitando-o, depois de Deus, como seu guia no seu caminho."

Ela inclui na sua Regra o testamento que Francisco escreveu para as Irmãs: "Eu, Frei Francisco, o menor de todos, quero seguir a vida de pobreza do nosso altíssimo Senhor Jesus Cristo e de sua santíssima Mãe e nela perseverar até o fim. Rogo-vos, senhoras minhas, e dou-vos o conselho de viverdes sempre esta santíssima pobreza. Guardai-vos cuidadosamente de vos afastardes dela pelos ensinamentos ou conselhos de quem quer que seja" (RegCI VII,6-8).

Segundo as palavras de Clara, este testamento foi escrito por São Francisco "a fim de que nem nós nem tampouco aquelas que viriam depois de nós jamais nos afastássemos da altíssima pobreza que temos abraçado" (RegCI VI, 5).

Clara amava a pobreza por um só motivo: porque descobriu que ela foi amada por Jesus Cristo. Clara não elaborou uma teologia das virtudes; a sua religião não se apoiava numa doutrina abstrata, mas consistia essencialmente em relações vividas. Para ela, pobreza e amor têm o mesmo rosto, o de Jesus Cristo pobre e crucificado, portanto, o rosto da "santa pobreza".



Clara convida a contemplar Jesus Cristo com fé e amor, para descobrir nele o exemplo da perfeição e para seguir o seu modelo.

• O privilégio da Pobreza

A firme vontade de ser pobre era o motivo desencadeante de Clara para conseguir da Igreja um privilégio especial, a saber, o direito de viver pobre, sem posses; portanto, o privilégio de viver sem privilégios. As irmãs tinham a possibilidade de vacilar ou de serem obrigadas de fora a trair a pobreza radical.

“Uma vez que ela queria que sua Ordem recebesse o título de honra da Pobreza, pediu do Papa Inocêncio III, de feliz memória, o privilégio da pobreza. Este homem magnânimo parabenizava Clara pelo seu zelo ardente e disse que o projeto dela era sem precedente. Jamais um tal privilégio tinha sido pedido à Sé Apostólica. Para responder a esse pedido extraordinário com benevolência extraordinária, o Papa escreveu de próprio punho e com grande alegria o primeiro rascunho do privilégio solicitado” (LegCl 14).

Inocêncio III, politicamente falando o mais poderoso Papa da história, entendeu que, para Francisco e Clara, a renúncia a qualquer posse era um aspecto essencial do seguimento de Cristo.

Em 1228, Clara pediu que Gregório IX confirmasse o “Privilégio da Pobreza”: *“O Senhor Papa Gregório, de feliz memória, um homem tão digno do trono papal como venerável por causa de seus méritos, amava esta santa com ternura paternal. Quando procurou persuadi-la para que aceitasse certas terras, que ele mesmo lhe oferecia generosamente por causa dos tempos incertos e dos perigos do mundo, ela resistiu de maneira intrépida e não cedeu em nada do seu intento. Então, o Papa lhe respondeu: ‘Se tiverdes medo por causa do voto, nós te dispensamos dele’. Mas ela disse: ‘Santo Padre, de maneira nenhuma não quero ser liberada por toda a eternidade do seguimento de Cristo’” (LegCl 14).*

Assistimos a um conflito: duas pessoas se confrontam, a partir de posições contraditórias. Clara não pode negar aquilo que Deus nela suscitava, dela exigia e esperava. O papa, por sua vez, representava a prudência e a segurança material



e legalmente necessária de uma comunidade. Aqui, se revela a tensão entre uma harmonização do Evangelho com a Pobreza, assim como Clara a vivia, e a definição tradicional que a Igreja deu ao seguimento. A mais alta autoridade do papa não era suficiente para fazer calar a voz que falava no coração de Clara. Esta luta com o Papa vai acompanhar Clara até o fim da vida. Em 1230, ela forçou, por meio de uma greve de fome, que uma lei papal fosse revogada. Em 1235, encontrou na pessoa de Inês de Praga uma companheira de luta. As duas resistiam tenazmente, por amor ao próprio carisma. Finalmente, Clara escreveu uma Regra, da qual o direito de não ter posses faz parte integral. Pela aprovação desta Regra, o Papa Inocêncio IV (1253) cedeu à vontade de Clara.

A pobreza de Clara conduziu à liberdade: *“Bem-aventurados os pobres em espírito”* (Mt 5,12). Esta palavra descreve a plenitude recebida por aquele que nada possui, ou seja, a felicidade serena e calma daquele que realmente entendeu a verdade do Reino de Jesus.

“Sem dúvida entendeste, estou certa disso, que o reino dos céus somente foi prometido e dado pelo Senhor aos pobres. Portanto, quem se prende aos bens terrenos perde o fruto da caridade. ‘Ninguém pode servir ao mesmo tempo a Deus e às riquezas. Com efeito, ou amará a um e odiará o outro, ou servirá a um e desprezará o outro’ (Mt 24)(1Ctln 4).

O movimento franciscano: Dos pobres à pobreza!

2.4.

Francisco procurava a solidariedade concreta com os pobres, falando raramente da “virtude” da pobreza. Clara, ao contrário, usava o termo abstrato de “pobreza” com frequência, uma vez que não tinha muitas oportunidades para encontrar os pobres no seu contexto diário. Tem-se a impressão de que ela veio dos “pobres” à “pobreza”, fazendo dela uma espécie de personificação, p.ex., exclama, cheia de admiração: *“Ó santa pobreza!”* A pobreza é meditada, celebrada, glorificada, elevada até os céus.

Uma evolução semelhante pode notar-se nos livros de Tomás de Celano. Quando Clara ainda estava em vida (1228), ele descreve a comunidade da santa como um edifício espiritual, onde a pobreza tem a função de pedra angular; sendo as outras pedras fundamentais o amor fraterno e a entrega a Deus pela contemplação. O edifício todo é construído pela humildade e paciência, a virgindade e o silêncio, recebendo da pobreza a sua firmeza (cf. 1Cel 19).

Na segunda biografia, Tomás de Celano cita Francisco, dizendo: *“O Senhor gosta da pobreza, e principalmente quando a mendicância é voluntária. Para mim é dignidade e nobreza insigne seguir aquele Senhor que, sendo rico, se fez pobre por amor de nós”* (2Cel 73). Portanto, pouco a pouco e cada vez com mais frequência, a pobreza é apresentada como um ideal, que acaba já não tendo relação nenhuma com a pobreza dos pobres na vida real.



Celano ainda não chega a este ponto, porque nas suas biografias a pobreza continua concreta e radical. A pobreza de São Francisco deu-lhe ocasião para criticar fortemente os clérigos da Igreja: *“Por que cobiças rendimentos, ó clérigo de nossos dias? Amanhã ficarás sabendo que rico de verdade foi São Francisco, quando só tiveres nas mãos os lucros dos tormentos”* (2Cel 84).

Frases semelhantes revelam, de maneira indireta, que um conflito com a Igreja estava se preparando. O clero secular começou a notar que suas igrejas ficavam cada vez mais vazias. O povo ia em massa às celebrações nas igrejas das Ordens mendicantes. A proximidade delas com as classes baixas da população e a pobreza pessoal dos frades eram algumas das causas mais significativas. Inveja e ciúmes são as conseqüências, desencadeando um grave conflito entre as Ordens mendicantes e o clero secular.

Antes de entrarmos neste assunto, temos que falar ainda de uma outra influência marcante. No século XII, **Joaquim de Fiore** teve uma grande visão, prevendo a chegada de uma era do Espírito Santo, a saber, uma Igreja pobre, enraizada em Deus, a Igreja contemplativa dos pobres.

Joaquim afirmava que a chegada desta nova Igreja seria prenunciada por duas novas Ordens. Nos anos em que Tomás de Celano estava publicando a segunda biografia de São Francisco, os franciscanos e os dominicanos começaram a atribuir a visão de Joaquim a si mesmos. Sentiam-se os profetas da nova Igreja, baseados na sua pobreza radical e seu estilo de vida contemplativo. Um deles, Frei Gerardo de São Nino, escreveu um livro intitulado: *“O Evangelho eterno”*, pelo qual difundiu a doutrina de Joaquim de Fiore, falsificando-a em parte. Imediatamente, o livro, que recebeu uma grande aceitação, foi condenado pela Igreja como sendo perigoso. O livro foi queimado publicamente.

Estas idéias aumentaram a hostilidade do clero contra as Ordens mendicantes. Um vírus entrou nas comunidades franciscanas e dominicanas, deixando efeitos nefastos durante séculos. Os representantes do clero, sobretudo professores de teologia da universidade de Paris, usavam as armas mais fortes à sua disposição, a saber, o peso de uma tradição de doze séculos e o direito canônico da Igreja. Demonstravam que as Ordens mendicantes não possuíam nenhum fundamento jurídico. Insistiam ainda que a propriedade particular era, para cada comunidade, não somente uma necessidade, mas até a condição prévia para poder exercer a função da cura de almas. Uma vez que nem os franciscanos, nem os dominicanos recebiam rendas fixas (= prebendas), não dispoñdo, portanto, de uma existência assegurada, não deviam ter o direito nem de administrar os sacramentos nem de pregar ou celebrar a Eucaristia. Pois isto infringiria toda a tradição jurídica e religiosa da Igreja.

Considerando a partir do ponto de vista do direito canônico, os professores tinham razão. Vendo a partir da doutrina da fé, a sua opinião tinha que ser considerada como universalmente obrigatória.

De fato, tanto as comunidades no seguimento de São Francisco, como as que seguiam Santa Clara repousavam juridicamente sobre fundamentos muito fracos, pois podiam exis-





tir unicamente graças a um privilégio papal extraordinário. Também a cura de almas, causa de tanta discussão, era um encargo que competia exclusivamente ao clero secular. Somente em caso extraordinário, membros das Ordens recebiam o direito de exercer estas funções, nitidamente delimitadas por tempo determinado. A “disputa das Ordens mendicantes” foi o nome dado às discussões apaixonada-

mente travadas em Paris. Os maiores teólogos daquele tempo engajavam-se do lado das novas Ordens: entre eles, Tomás de Aquino, Boaventura, João Pecham e muitos outros. Publicaram livros sobre “A defesa dos pobres”, defendendo as novas Ordens que colocavam a pobreza no centro de seu estilo de vida. Escreveram em pouco tempo muitos livros com esse título ou outros semelhantes. Além disso, Boaventura publicou mais uma biografia de Francisco, para restringir a difusão dos pensamentos de Joaquim de Fiore dentro da Ordem, e para salvar a Ordem Franciscana dentro da comunidade eclesial.

A disputa jurídica com o clero secular foi finalmente resolvida a favor das Ordens mendicantes. Isto acontecia, não a base dos mais fortes argumentos, mas pela ordem do Papa, que decidiu que essa “novidade”, a saber, a ligação, nunca antes vista, entre pobreza e cura das almas não contrariava em nada nem o Evangelho nem a doutrina da Igreja. Ele, o Papa, alegava possuir o pleno poder para confiar a cura de almas aos que ele mesmo achava por bem. Assim, determinou que os livros dos professores de Paris fossem queimados. Os teólogos das Ordens mendicantes agradeciam este gesto do Papa, fundamentando e fortificando teologicamente o “primado universal”⁷ do Sumo Pontífice.

Uma consequência secundária de toda esta disputa teológica foi a ênfase e exaltação crescente da pobreza. Ela se tornou mais e mais um tema central da teologia e ficou sendo considerada, entre todas as virtudes, a primeira e a mais importante. Através do tempo foi até personificada. “O pacto de São Francisco com a Senhora Pobreza” (= o **Sacrum commercium**) pertence a este contexto. Durante muito tempo se pensava que esta obra extraordinária fora escrita poucos anos após a morte do santo. Entretanto, parece mais provável que tenha surgido durante a disputa com o clero secular. Com certeza, o autor era um grande teólogo, possivelmente João Pecham.

⁷ O pleno poder, reservado ao papa, de ser o único representante de Deus na terra,

O título da obra já encerra uma teologia inteira: a pobreza é chamada de “senhora”, a saber, uma dama da alta sociedade, venerada por Francisco, com quem ele deseja fazer um pacto. O conteúdo da obra demonstra que esse pacto não era um pacto matrimonial, mas um “pacto salvífico”. A pobreza não é entendida como noiva de Francisco, mas como esposa de Jesus Cristo, o Senhor (SCom 18). Até se chegou a definir que a “Senhora Pobreza” representava o “rosto feminino de Jesus”.

A obra relata a história de São Francisco e seus companheiros. *“Sobem um grande e alto monte”,* onde a Senhora Pobreza os espera para concluir com eles, durante uma refeição, um pacto eterno de salvação. Antes, porém, a Pobreza conta a história de sua vida, a partir de Adão e Eva, até os tempos de Francisco. Há muito tempo, andava no paraíso, onde *“o homem estava nu... Sim, andava com o homem nu em todo aquele lindíssimo jardim, sem medo e sem receio e não suspeitando nada de mal. Achava que com ele ficaria para sempre, porque fora criado justo, bom e sábio pelo Altíssimo,... porque, não tendo nada de próprio, ele era totalmente de Deus”* (SCom 25).

Mas então *“aconteceu uma desgraça inesperada”*. O homem traiu a sua intimidade com Deus. Destruíu, atrevidamente, a relação com Deus, tendo que acabar vestindo *“trajes mortais”* (SCom 30). Desde então, a Pobreza foi desprezada e esquecida, até que Jesus a assumiu, *“desposando-a”*.

Pela sua nudez na Cruz, o Crucificado restabeleceu a entrega total a Deus, sua orientação ao Pai e sua relação imediata para com Deus Pai. A partir deste momento, a pobreza é necessária para a salvação. Sem pobreza não há salvação (cf. SCom 21). Sem ser pobre, não se pode estar unido nem a Deus nem ao Cristo.

Em seguida, a Senhora Pobreza contava ainda outras histórias, afirmando que, na Igreja, ela foi logo esquecida até agora, quer dizer, até o momento em que chegou Francisco com seus irmãos para renovar com ela o pacto salvífico.

Tempos depois, esta relação mística vai receber uma nova dimensão: de “senhora” vira “noiva” que se une a Francisco. Por exemplo, existe um quadro na basílica inferior de São Francisco em Assis, pintado pelo “Maestro delle Vele”, discípulo de Giotto, que merece atenção. A imagem mostra o momento em que Francisco é casado com a sua noiva. Ela está vestida pobremente. Alguém do povo lança pedras contra ela para demonstrar que ela é desprezada. Mas, atrás do casal, está a figura do Cristo, como sacerdote que abençoa a união de vida. Mesmo sendo impressionante, esta pintura não chega a ter um conteúdo tão profundo como o *“Sacrum commercium”* da Senhora Pobreza.

Apesar da beleza do *“Sacrum commercium”* como obra literária, marcada pela descoberta de chegar a personificar a pobreza, esta evolução teve consequências funestas que duram ainda hoje. Falamos de maneira sublime da pobreza, esquecendo o que ela significa no concreto da vida. Edificamos construções mentais, propagamos belas teorias e afastamos-nos daqueles que vivem, na sua pele, a aflição e miséria da pobreza real. Portanto, não é para se admirar que ocasionalmente se levantam irmãs e irmãos no movimento franciscano



para exigir um retorno à pobreza real no meio dos pobres como nos primeiros tempos. Assim, o movimento franciscano passou por uma reforma após a outra, tendo que suportar tensões extremas, para que os pobres não desaparecessem debaixo de belas teorias. No início do século XV, aconteceu uma nova disputa violenta dentro da Igreja. Os franciscanos distinguiam juridicamente entre “possuir” e “usar”. Afirmaram que se pode ter muita coisa para seu uso, sem possuí-lo no sentido jurídico. De fato, uma tal distinção é legalmente possível; na vida real, porém, existe o perigo de trair a pobreza dos pobres. Acumulam-se casas, livros e objetos; enfim, uma quantidade de coisas que a gente não “possui”, mas somente “usa”. Assim, uma grande falta de sinceridade celebra triunfos. De outro lado, está a Igreja, consciente de ser a proprietária de muitos bens e de ser rica. Por este motivo, franciscanos a denunciaram, alegando que a Igreja não tem o direito de possuir bens, uma vez que o próprio Jesus não tinha “*dominium*” (= posses). Isto, porém, a Igreja não podia admitir, porque seria o fim da Igreja como instituição. Por conseguinte, o Papa condenou essa opinião dos franciscanos, no que dizia respeito a Jesus e a Igreja. Conforme a decisão do Santo Padre, nem os próprios franciscanos teriam o direito de distinguir entre “propriedade” e “uso”. Mais uma vez, assistimos à cena onde uma idéia se corrompe e vira ideologia, afastando-se da pobreza dos pobres. Em todo caso, podemos manter que Francisco e Clara entenderam a absoluta pobreza como peça central de seu estilo de vida. Francisco vê na apropriação de bens o mal fundamental da história humana, o pecado por excelência, herdado desde Adão e Eva. Para ele, a salvação do mundo consiste na expropriação, na renúncia de toda atitude marcada pelo ter, possuir e querer adquirir (cf. Adm 2). Todos aqueles que resolverem seguir Francisco ou Clara não podem manter-se do lado dos que têm posses, nem devem considerar-se como proprietários.



Besumindo as perspectivas

3.

A posição social

3.1.

Segundo Francisco, a maneira de entender o Evangelho muda quando se muda de posição social. Todas as coisas e mesmo a vida inteira aparecem em uma nova luz. Para Francisco, o encontro com o leproso transformou todos os seus valores pelo avesso. A sua visão do mundo, a partir daqueles que “aos olhos de Deus são sumamente superiores e sublimes”



(1CtCust e 2CtCust) mudou em favor destes que, entre os homens, são desprezados, insignificantes e pequenos. Aquilo que aparece em Francisco tem um significado fundamental: a posição social é decisiva para a interpretação da realidade. *“Uma das perguntas mais importantes que um historiador tem que fazer diante de um testemunho histórico é identificar a posição social da testemunha. A história é lida, interpreta-*



da e escrita por pessoas que têm formação, dinheiro e poder. O mesmo acontece com textos que tratam da pobreza: são os ricos que escrevem sobre ela. Nos escritos medievais, o assunto da pobreza é muito freqüente. São clérigos que escreviam esses textos. Mas o clero não constituía uma classe social homogênea. Por isso, é importante encontrar nestes escritos a posição social do respectivo autor, na Igreja e na sociedade; e também determinar quais foram os objetivos intelectuais que procurava” (J. C. Schmidt).

A reflexão franciscana sobre qualquer tema, tendo ele um conteúdo teológico, espiritual, econômico, político ou até místico, significa pensar e agir a partir da posição social daqueles que foram prejudicados. Neste pensamento franciscano, trata-se de um outro modo de agir e de escrever a história. Devemos pensar de baixo para cima, a partir de criaturas oprimidas, dos pobres e pequenos que são os preferidos de Jesus.

A justiça

3.2.

Francisco faz uma ligação entre sua atitude para com a pobreza e sua relação com a justiça. O movimento franciscano quer engajar-se na alternativa oferecida por Deus, a saber, o mundo, a sociedade, a Igreja, a economia, tudo deve ser agregado ao plano divino original. Quem apela à justiça divina cria uma rede de relações que restabelece o equilíbrio harmonioso desejado por Deus na Criação (cf. 2Cel 87), (cf. ainda a Lição 23, sobre a Paz).

A visão dos pobres

3.3.

O movimento franciscano transfere o seu centro para a margem da sociedade. Seu núcleo central não deve encontrar-se onde estão os centros do poder. Isto vale a nível do mundo, do país, da cidade e do bairro.

São Francisco e seus companheiros julgavam e agiam a partir da experiência dos marginalizados e da ótica do Evangelho. Pois essa era a nova sociedade na qual se integraram. Por



isso, a ação franciscana não necessita de dinheiro ou poder na sua tentativa de melhorar o mundo. (Verifique a Lição 20, sobre a Teologia de Libertação).

Uma nova ordem econômica

3.4.

O mencionado conflito entre os franciscanos e a Igreja tem significado fundamental. O conceito "*dominium*" (= propriedade) indica o direito absoluto do proprietário de dispor dos seus bens. Mas justamente isto está sendo questionado pela ordem econômica atual. A teoria e a prática da propriedade e do poder têm que ser revistas, para que uma nova ordem econômica possa surgir. Para dar um exemplo: Não se trata de abolir a propriedade como tal, mas de defini-la de maneira nova. Se quisermos conservar a vida no nosso planeta, devemos abandonar a definição antiga de propriedade (cf. Lição 21).

Uma nova maneira de exercer o poder

3.5.

Os temas de propriedade e de poder são interligados de maneira inseparável. Os conceitos da liberdade, do espírito, do respeito do indivíduo, da fraternidade, também têm conteúdos importantes para os franciscanos. Mais importante e mais central, porém, é o conceito da ausência de posses.

Essa atitude, assim como a nova definição da propriedade que inclui como elemento não o poder, mas a responsabilidade e a atenção cuidadosa às pessoas e às coisas, há de ser a mensagem franciscana às democracias modernas.

Podemos falar de liberdade, de participação, de liderança conjunta, em outras palavras: da autêntica democracia, quando tivermos superado o pensar em categorias de posse (cf. Lição 21, A e B).

Fontes eclesiais e franciscanas

Bíblia	Dt 15,11; Jz 6,15; Sl 72,13ss.; Is 5,8; 58,7; Jr 17,5; Mt 5,12; 11,25; 26,11; Mc 14,7; Lc 4,16-22; Jo 10,11-21; 12,8; At 2 e 4, Fl 2,6ss.
Documentos da Igreja	SRS 16; SD 17; GS 63
Fontes	2CtFi 75-85; 1CtCust e 2CtCust; RegNB 9,3; LegCI 14; Test 22; 2Cel 73; 84ss.; 87; 1CtIn 4; 4CtIn 15-24; RegCI VI,3; LP 14
Documentos interfranciscanos	-
OFM - OFMCap - OFMConv	-
OSC (Clarissas)	-
OSF (TOR)	-
OFS	-
Suplementos *	-

* Anotação: As fontes podem ser completadas pelos participantes do curso.





Leia o capítulo 9 de Regra não bulada

- (1) Todos os irmãos se esforcem por imitar a humildade e pobreza do Nosso Senhor Jesus Cristo. (2) E se recordem que do mundo inteiro nada mais precisamos do que, como diz o Apóstolo, *“o necessário para nos alimentar e para nos cobrir, e queremos estar contentes com isso”* (1Tm 6,8).
- (3) E devem estar satisfeitos quando estão no meio de gente comum e desprezada, de pobres e fracos, enfermos e leprosos e mendigos de rua.
- (4) E quando for preciso, que vão pedir esmola.
- (5) Nem se envergonhem disto, mas antes recordem que Nosso Senhor Jesus Cristo, o Filho de Deus vivo todo-poderoso, *“enrijeceu sua face como pedra duríssima”* (Is 50,7), (6) e não se envergonhou de se tornar para nós pobre e peregrino; e vivia de esmola, ele mais a bem-aventurada Virgem e seus discípulos.
- (7) E se os homens os tratarem com escárnio e não quiserem dar-lhes esmolas, rendam graças a Deus: (8) porque pela humilhação receberão grande honra diante do tribunal de Nosso Senhor Jesus Cristo.
- (9) E saibam que a humilhação não é imputata aos que a sofrem, mas aos que a infligem.
- (10) E a esmola é uma herança e um direito adquirido em favor dos pobres, que nos conquistou Nosso Senhor Jesus Cristo.
- (11) E os irmãos que se afadigarem em recolhê-la terão uma grande recompensa, proporcionando ainda aos que a oferecem, ocasião de lucrá-la e merecê-la.
- (12) Pois tudo o que os homens deixam para trás no mundo, perecerá; mas pela caridade e pela esmola que tiverem feito receberão do Senhor a justa recompensa (cf. Mt 6,19; Lc 16,1-9).
- (13) E um manifeste ao outro com confiança as suas necessidades, para que este lhe arranje o necessário e lhe sirva.
- (14) E cada qual ame e alimente a seu irmão como a mãe ama e nutre a seu filho (cf. 1Ts 2,7); e o Senhor lhe dará sua graça.
- (15) E *“aquele que come não despreze o que não come; e o que não come não julgue o que come”* (Rm 14,3).
- (16) E sempre que lhes sobrevier a necessidade, seja lícito a todos os irmãos, onde quer que estejam, servir-se de todos os alimentos que um homem pode comer, (17) conforme o

Senhor disse de Davi, que comeu “os pães da proposição, que não é lícito comer senão aos sacerdotes” (Mc 2,26).

(18) E recordem o que disse o Senhor: “Estai atentos, para que não suceda se embotem os vossos corações pela crápula, pela embriaguez e pelas preocupações da vida, e não vos surpreenda inesperadamente o dia do juízo; (19) pois ele virá como um laço sobre todos os habitantes da terra” (Lc 21.34-35).

(20) De igual modo, em tempo de manifesta necessidade, procedam todos os irmãos com relação ao que lhes for necessário para a vida, conforme o Senhor lhes der sua graça, pois necessidade desconhece lei.

Perguntas:

1. De que maneira, Francisco coloca Jesus Cristo em relação com os pobres?
2. Qual é a consequência que Francisco vê para si e sua comunidade?
3. Como é que Francisco procura superar a indigência humana?
4. Que sentido tem para você a palavra “esmola”? Qual é o significado que Francisco lhe dá?



Exercício:

2.

O Concílio Vaticano II tratou pela primeira vez, o tema da pobreza na Igreja, da Igreja pobre e da Igreja dos pobres.

Leia o seguinte comentário de M. von Galli, SJ:

“Com isso toco num tema do Concílio, intimamente unido ao Poverello de Assis. Estou falando da pobreza na Igreja, da Igreja pobre, da Igreja dos pobres. Embora os três termos não signifiquem a mesma coisa, eram usados pelos Padres do Concílio de uma maneira bastante indistinta, como se fossem sinônimos. O tema surgiu no começo do Concílio e se encontrava na boca de todos. Depois, concentrou-se num grupo de bispos e peritos, grupo pequeno, mas que contava com representantes do mundo inteiro, enquanto a



grande maioria se perdia em disputas sobre teologia sistemática e questões de estruturas. No final, o tema foi ganhando novamente importância.

Como exemplo vou citar a intervenção do bispo argentino de Reconquista, Juan Iriarte (51), na terceira sessão (24 de setembro de 1964); quando se falava da reforma do munus pastoral, ele disse:

“Peço a meus irmãos que se ‘convertam’ para o mundo moderno. Somos bispos feudais, temos que tornar-nos bispos da era atômica. As características do mundo atual são: socialização, urbanização, pluralismo cultural... Dos bispos exigem, em primeiro lugar, um novo “estilo de vida”. O bispo deve empregar tempo e meios, para conhecer realmente o mundo em que vive.

Com o fito de ganhar tempo para o diálogo com seus sacerdotes, seus fiéis e os não-católicos, já não pode perder-se em ocupações de segunda ordem, como a bênção de sinos e coisas semelhantes. Deve aprender a linguagem do homem atual. Também o estilo, em que se manifesta, deverá mudar para maior simplicidade. Sua autoridade há de ser exercida de outra maneira. Ele há de levar sacerdotes e leigos até ao ponto de começar uma conversa com ele e tomar suas próprias iniciativas. Deve conscientizar-se de que está exercendo a sua autoridade sobre pessoas adultas, que possuem um senso vivo de sua responsabilidade. Ele deve dar importância especial à pobreza, não através de um gesto parecido com um golpe teatral, mas introduzindo um novo estilo na Igreja. O bispo dos nossos dias não pode mostrar nada de teatral, deve apresentar-se bem simples como João XXIII...”

Neste ponto o bispo foi interrompido, bruscamente, pelo moderador do Concílio, sob a alegação de que não havia tempo para se ocupar com tais ataques fora de propósito. Ora, como o discurso teria continuado, nós o sabemos através de uma publicação de Iriarte, da qual “Le Monde”, pouco mais de um ano antes (em 1 de junho de 1963), divulgaria o seguinte trecho:

“Bem-aventurados os pobres! Penso na pobreza e na simplicidade exterior como pressuposto para o anúncio da mensagem. A mensagem da Igreja foi, é, e será sempre inspirada na paz, verdade, amor, esperança e espírito de diaconia.

Mas penso também: como é difícil para nós pobres da Igreja de Cristo, no século XX, passar adiante esta mensagem, que desde seu nascedouro está imersa na pobreza da encarnação, do presépio e da cruz; que fora anunciada por um operário que nem tinha um abrigo como as raposas; que lavou os pés dos seus “amigos”, como os chamava; que se servia da simples linguagem popular, quando falava da dracma perdida. Uma mensagem que se dirige hoje em dia a homens de ascese proletária, dos quais 65% estão passando fome, muitos vivem nas favelas, “slums”, casarios de zinco; que se chamam entre si de “camaradas”, que estão acostumados à palavra dura e incisiva de seus líderes partidários, às linhas sóbrias e elegantes dos arranha-céus e dos aviões a jato, aos “shorts” de seus

chefes militares nas revistas de tropa. Nós, no entanto, temos que anunciar esta mensagem do alto dos mármores dos nossos altares em nosso “palácio episcopal”, no barroco ininteligível das nossas missas pontificais, com seu “balé de mitras”, para nós exótico, e com circunlóquios mais exóticos ainda da nossa terminologia eclesiástica. Além disso, desfilamos diante de nosso povo, revestido de púrpura, viajamos em carro de último modelo ou em vagão de primeira classe. E este povo nos dá o título de “Excelência reverendíssima”, dobra o joelho diante de nós e beija a pedra do nosso anel.

Não é fácil desvencilhar-se deste lastro enorme da História e da Tradição. Ai dos simplistas que acham tudo tão simples! Tenhamos cuidado, para não condenar ou propor soluções baratas! Senhor, tomara que em humildade, pobreza, simplicidade do coração, na oração e sob a proteção de vossa Mãe, recebamos de vós a plenitude da luz e da necessária coragem, para que a Igreja, no nosso século XX, encontre o seu caminho e com toda a simplicidade, realize o ideal que o vosso servo João XXIII lhe mostrara: a Igreja dos pobres.”

Não, tal reforma não estava prevista pelo Concílio. Ela tinha algo que inquietava e ameaçava a maioria dos bispos, precisamente porque mostrava, de forma tão concreta, a realidade! Pois onde ficavam os “critérios” que poderiam ser seguidos? Estavam muito equivocados os que acreditavam que o caso dos bispos da pobreza (ou paupertários) não passavam de pseudo-místicos meio tontos. É verdade, muitos esquemas dos primeiros meses tinham algo de exagerado.

Não se podia exigir que todos os bispos trocassem suas preciosas cruzes por dois pauzinhos cruzados, nem que todos se desfizessem, por completo, como os bispos orientais, dos seus anéis ou que os substituíssem por outros sem enfeites e sem pedras. Além disso, qual seria o valor de tais medidas, quando impostas compulsoriamente? Podiam eliminar algum escândalo, sim. Mas uma renovação da Igreja, só a poderiam provocar à base da espontaneidade e como sinal de uma atitude interior. Justamente o bispo Iriarte, considerado a este respeito como agressivo, não deixou de chamar a atenção a isso e de prevenir contra os “simplificateurs”. Verdade é que o moderador, assustado, não permitiu que terminasse o discurso, tal era o medo de uma confrontação com a realidade. E a imprensa, deve se dizer isso também, omitiu, na sua reprodução, o decisivo trecho final; uma repreensão da qual também não escapa “Le Monde” (cf. Francisco de Assis, o santo que viveu o futuro, Edições Loyola, 1973, pg. 77-82).

Perguntas:

1. A idéia de uma Igreja realmente pobre é utópica ou é possível? Por quê?
2. Quais seriam as estruturas que uma tal Igreja dos pobres teria que abandonar ou promover?





Leia o texto seguinte das **Conclusões da IV Conferência do Episcopado Latino-Americano em Santo Domingo, de 12 a 28 de outubro de 1992:**

Linhas pastorais

180. - Assumir com decisão renovada a evangélica opção preferencial pelos pobres, seguindo o exemplo e as palavras do Senhor Jesus, com plena confiança em Deus, austeridade de vida e partilha de bens.

- Privilegiar o serviço fraterno aos mais pobres entre os pobres e ajudar as instituições que cuidam deles: os deficientes, enfermos, idosos solitários, crianças abandonadas, presos, aidéticos e todos aqueles que requerem a proximidade misericordiosa do "Bom Samaritano".

- Corrigir atitudes e comportamentos pessoais e comunitários, bem como as estruturas e métodos pastorais, a fim de que não afastem os pobres, mas que proporcionem a proximidade e a partilha com eles.

- Promover a participação social junto ao Estado, pleiteando leis que defendam os direitos dos pobres.

181. - Fazer de nossas paróquias um espaço para a solidariedade.

- Apoiar e estimular as organizações de economia solidária, com as quais nossos povos tratam de responder às angustiosas situações de pobreza.

- Urgir respostas dos Estados para as difíceis situações agravadas pelo modelo econômico neoliberal, que afeta principalmente os mais pobres. Entre estas situações, é importante destacar os milhões de latino-americanos que lutam para sobreviver na economia informal.

Perguntas:

1. Você conhece pronunciamentos semelhantes de bispos ou de conferências episcopais de sua região?
2. Até que ponto influem sobre a vida e a atividade de sua comunidade e da família franciscana local?



Leia o texto seguinte:

Da Declaração da 5ª Assembléia Geral da Federação das Conferências Episcopais da Ásia (FABC), de julho 1990:

B. Os desafios da contínua injustiça:

Por isso, estamos profundamente conscientes que existe, dentro de nosso contexto de transformações, uma realidade inalterável de injustiça. Na Ásia, continua uma pobreza maciça. Centenas de milhões de seres humanos não têm acesso aos recursos naturais.

A exploração do meio ambiente destrói recursos valiosos, destruindo assim a morada material e espiritual de muitos dos nossos povos. A militarização, por sua vez, exige o esbanjamento dos escassos recursos para as forças armadas e o armamento, em vez de usar estes mesmos recursos para atender às necessidades reais e urgentes da população. Continuam também modelos tradicionais de discriminação da mulher. Em situações de pobreza e injustiça, são as mulheres que sofrem em primeiro lugar. Podemos verificá-lo na proliferação de um certo turismo marcado pela exploração, que leva mulheres e crianças para a prostituição. Trata-se aí de casos de moral sexual e de injustiça institucionalizada.

Mas a pobreza leva também homens e mulheres a tornarem-se imigrantes internos, destruindo assim a vida familiar deles. Conflitos políticos e situações econômicas sem saída forçam milhões a se tornarem refugiados, vivendo anos inteiros internados em acampamentos que, às vezes, se assemelham, de fato, a prisões superlotadas. Em muitos países asiáticos, o suborno e a corrupção continuam como causa de graves injustiças.

A Ásia é a pátria de inúmeros jovens. Mas muitos deles esperam um futuro de desemprego e a concomitante decepção. O direito humano mais elementar e fundamental, ou seja, o direito à vida, é negado à criança que morre pelo aborto. Trabalho infantil e até escravidão ainda continuam muito freqüentes. Nossos adolescentes, que formam 60% da população asiática, se deixam influenciar pela educação dada através dos mass media e pressões econômicas, que prolongam a realidade da injustiça. Os próprios adolescentes são as vítimas. Ainda outras violações dos direitos humanos estão ligadas a essas injustiças. Estamos presenciando formas de um imperialismo cultural, que impõe os valores de uma maioria ou de uma minoria arrogante aos demais. Acesso à educação e



ao trabalho é negado ou limitado à base da religião, da casta, da orientação política, da classe econômica ou da origem étnica. Nesta sociedade, aqueles que falam ou agem em nome da justiça, são expostos à detenção ou outras formas de punição. Todas essas injustiças estão intimamente ligadas entre si. No seu conjunto, são a causa de uma crise de sobrevivência.

Da Carta Apostólica Pós-sinodal “Ecclesia in Africa”, do Papa João Paulo II, de setembro de 1995:

“Fazer-se voz daqueles que não têm voz.”

70. Ao concluir seus trabalhos, os padres sinodais, fortificados na fé e na esperança da força salvífica de Jesus, renovaram seu compromisso de assumir o desafio, a saber, de serem instrumentos de salvação em todas as dimensões da vida dos povos africanos as mais diversas. Eles declararam: “A Igreja tem que continuar a exercer o seu papel profético e ser voz daqueles que não têm voz, para que se reconheça em todos os seres humanos a sua dignidade humana e para que a pessoa humana esteja sempre no centro de qualquer programa do governo. O Sínodo apela à consciência dos governantes e dos responsáveis pela vida pública, para que sejam garantidos a libertação e o desenvolvimento dos seus povos em medida crescente. Somente por este preço será possível construir a paz entre os povos.

A evangelização deve fomentar aquelas iniciativas que contribuem e enobrecem o desdobramento da existência espiritual e material dos seres humanos. Trata-se do desenvolvimento e da evolução de toda pessoa e da pessoa toda, que não existe por si só, mas deve ser entendida também e sobretudo no conjunto de uma evolução solidária e harmoniosa de todos os membros de uma nação e de todos os povos da terra.

Finalmente, a evangelização deve esclarecer e combater tudo que rebaixa e destrói o ser humano. No setor social, a realização da missão de anunciar, sendo um aspecto da dimensão profética da Igreja, abrange também a denúncia do mal e das injustiças.

Convém insistir, porém, que o anúncio é mais importante do que a denúncia; e que esta última não pode omitir o primeiro, porque é somente pelo anúncio que ele recebe sua verdadeira autorização e a força de uma motivação superior.

A dimensão eclesial do testemunho

106. Insistindo na dimensão eclesial deste testemunho, os padres sinodais declararam solenemente: “A Igreja continuará a cumprir a sua missão profética e a ser voz daqueles que não têm voz.”

Para ativar esta atitude de modo eficaz, a Igreja tem que ser testemunha inflexível de justiça e paz, também dentro de suas próprias estruturas e nas relações existentes entre os seus membros. A mensagem do Sínodo declara corajosamente: *“As Igrejas africanas reconhecem também, que a justiça nem sempre está sendo respeitada ao tratar-se daqueles que estão ao seu serviço. A Igreja deve ser testemunha da justiça, reconhecendo, portanto, que aquele que tem a coragem de falar de justiça aos homens deve esforçar-se para realmente ser justo aos olhos deles. Por isso, é necessário examinar cuidadosamente o modo de proceder, os bens e o estilo de vida da Igreja.”*

No que diz respeito à promoção da justiça e sobretudo a defesa dos direitos humanos fundamentais, o apostolado da Igreja não pode ser deixado à improvisação. Perante o fato, de que em numerosos países africanos acontecem violações contra a dignidade e os direitos de seres humanos, peço às conferências episcopais, em toda parte onde ainda não há Comissões de Justiça e Paz, para que estas sejam fundadas e precisamente em níveis diferentes. No que toca à defesa dos direitos humanos no setor social, os bispos têm que sensibilizar as comunidades cristãs, recordando-lhes a sua responsabilidade derivada do Evangelho.

107. Uma vez que o anúncio da justiça e da paz faz parte essencial da missão evangelizadora, segue-se que a promoção destes valores pertence também ao programa pastoral de toda comunidade cristã. Por este motivo, insisto na necessidade de que todas as pessoas que se ocupam da cura de almas recebam uma formação adequada para este apostolado: *‘A formação que é administrada ao clero, aos religiosos e aos leigos em todas as áreas de seus apostolados, tem que dar uma importância especial à doutrina social da Igreja. De acordo com o seu estado de vida, cada um deve estar consciente de seus direitos e seus deveres, aprendendo o sentido e o serviço ao bem comum, assim como os critérios de uma administração honesta dos bens públicos e uma presença impecável na vida política, para assim poder intervir de maneira autêntica frente às injustiças sociais.’*

Como corpo orgânico, dentro da comunidade das nações, a Igreja tem o direito e a obrigação de colaborar na construção de uma sociedade justa e pacífica, utilizando para isso todos os meios que estão ao seu alcance. Convém mencionar aqui o seu apostolado na área da educação, no setor da saúde, na sensibilização social e de outros programas de ajuda. Na medida em que a Igreja contribui com suas atividades para eliminar a ignorância, para melhorar o bem-estar público e a saúde e para promover uma participação mais engajada nos problemas da sociedade, no espírito de liberdade e co-responsabilidade, ela cria as condições para o progresso da justiça e da paz.”



Perguntas:

1. Mencione exemplos concretos de injustiça que acontecem no contexto onde vive.
2. Quais são os esforços que a sua Igreja faz localmente para se fazer voz daqueles que não têm voz?
3. Quais são os passos que você mesmo pode dar (sozinho ou com outros) para promover a justiça e, sobretudo, a defesa dos direitos humanos fundamentais?
4. Que tipo de solidariedade podem e devem esperar asiáticos, africanos e também latino-americanos de pessoas franciscanas de outros países ou regiões?
5. Que tipo de intercâmbio entre eles deve ser empreendido?
6. Que tipo de intercâmbio já existe na sua região?
7. Como comunidade, como reagimos localmente a esse intercâmbio?
8. Como podemos recorrer à comunidade franciscana internacional em casos concretos?



Exercício

5.

Raramente se conta a parábola satírica do homem rico que nos mostra o sentido profundo de justiça de São Francisco. Na carta aos fiéis, ele fala de um rico que, perante a morte não demonstra nenhum arrependimento por não ter pago as suas dívidas:

“É verdadeiramente maldito tal homem que deposita e entrega em mãos assim sua alma e seu corpo e tudo o que possui. Daí fala o Senhor pelo profeta: ‘Maldito o homem que confia noutro homem’ (Jr 17,5).

E logo mandam vir o padre. O padre diz-lhe: ‘Você quer fazer penitência por seus pecados?’ Responde: ‘Quero.’ ‘Você está disposto, na medida do possível, a pagar, com os seus bens, as dívidas que tem e reparar os logros e enganos que cometeu contra outros?’ Retruca ele: ‘Não.’ Diz o padre: ‘Por que não?’ E ele responde: ‘Porque entreguei tudo nas mãos dos parentes e amigos.’ E começa a perder a fala e assim morre o infeliz.

Saibam todos: Onde e como um homem venha a morrer em pecado mortal sem a devida reparação, tendo podido fazer penitência e não a fez, o diabo lhe arranca a alma do corpo sob tal angústia e medo que ninguém é capaz de conhecer senão quem o experimenta em



sua própria pele. E todos os talentos e poderes e ciências e sabedorias que 'julgava possuir ser-lhe-ão tirados' (Lc 8, 18). E tem de deixar os seus bens para os parentes e amigos e estes se apoderam deles e os distribuem entre si, e dirão mais tarde: 'Maldita seja a sua alma, porque ele poderia ter dado e ganho para nós muito mais e não o fez.' O corpo, comemo os vermes. E assim ele perde a alma e o corpo neste mundo passageiro, e irá para o inferno, onde será atormentado para sempre" (2CtFi 75-85).

Perguntas:

1. O que Francisco quer dizer por meio desta parábola?
2. Que sentido de propriedade demonstra esse texto?





Aplicação

1.

Perguntas:

1. Que novo tipo de pobreza há no seu contexto a nível social, político, económico, cultural e sanitário, etc.?
2. Neste contexto, que tipo de iniciativas já existem na família franciscana de sua região?
3. Que tipo de iniciativas da família franciscana seriam desejáveis ou possíveis na sua região ou em sua comunidade?



Aplicação

2.

Medite sobre os seguintes pronunciamentos:

Do tempo dos padres da Igreja (Santo Basílio):

O pão que se estraga na sua casa
pertence aos famintos.

Os sapatos que ficam mofando debaixo da sua cama
pertencem aos necessitados.

As roupas penduradas no seu guardaroupa
pertencem aos nus.

O dinheiro que está perdendo valor no seu cofre
pertence ao miserável.

Pobreza no Primeiro Mundo (Christopher William Jones)

Não tenha medo dELE!

Ele é uma velha cheia de rugas e imundice,
cheirando a alcool.

Ele usa uma saia esfarrapada,
uma bolsa rasgada
e fuma o toco de um cigarro.

Não tenha medo de seu modo de falar;
nem de seu aspecto,
nem de seu fedor,
ELE é seu Deus!

A propriedade entre os indígenas da América:

Quando os missionários chegaram,
tínhamos a terra e eles tinham a Bíblia.

Agora nós temos a Bíblia
e eles têm a nossa terra.

Tarefas:

1. Medite esses pronunciamentos e deixe-se provocar por eles.
2. Compare-os com Mt 25,31-46.



Em português:

Boff, L.

São Francisco de Assis: Ternura e Vigor, Petrópolis, Vozes-Cefepal, 1981.

Silveira, I.

Senhora Pobreza, Petrópolis, Vozes, 1997.

Pintarelli, A.

Cavaleiros da Dona Pobreza, Petrópolis, Vozes, 1997.

Pedroso J.C.C.

Dona Pobreza, Petrópolis, Vozes, 1981.

AA.VV.

O Franciscanismo e os excluídos, em Cadernos Franciscanos 9, Petrópolis, Vozes-FFB, 1995.

Em alemão e outras línguas:

Boff, L.

• Aktualisierung der franziskanischen Armut: Solidarität mit den Armen: A Camps/G. Hunold (edit.), Erschaffe mir ein neues Volk (Mettingen 1982) 65-90

• Zärtlichkeit und Kraft. Franz von Assisi mit den Augen der Armen gesehen (Düsseldorf 1983)

Charlemagne, B.

Ein Kamel im Nadelöhr. Die Abenteuer eines Lebens mit den Armen (Düsseldorf 1981)

Egger, W.

Nachfolge als Weg zum Leben. Chancen neuer Methoden dargelegt an Mk 10,17-31 (Klosterneuburg 1979), cfr. Rez: Geist und Leben 53 (1980) 312

Flood, D.

Die wirtschaftliche Grundlage der franziskanischen Bewegung in ihrer Entstehungszeit: Wissenschaft und Weisheit 44 (1981) 184-204

Galli, M. von

Francisco de Assis, o santo que viveu o futuro, Edições Loyola, 1973, pg. 77-82

Geremek, B.

Geschichte der Armut. Elend und Barmherzigkeit in Europa (Munique 1988)

Gimpel, J.

Die industrielle Revolution des Mittelalters (Zurique 2, 1981)

Gutiérrez, G.

Armut als Solidarität und Protest. O mesmo: Theologie der Befreiung (Munique 5, 1980) 268-286

Jones, Ch. W.

em: E. Hug/A. Rotzetter/B. Trüeb/M. Zoll: Überall zuhause. Von der Weisheit der Schnecke (Schwyz 1982)

"Indianer sprechen"

Série de cartões postais do livro: Ein Indianer kennt keinen Schmerz. Centro infantil Kralle (Wichdorf)

Kämpchen, M. (edit.)

Im Lebenskreis der Armen: Indianisch-christliche Spiegelungen der Hoffnung (Friburgo 1981)

Klinger, E.

Armut. Eine Herausforderung Gottes. Der Glaube des Konzils und die Befreiung des Menschen (Zurique 1990)

Klöcker, M./Tworuschka, U. (edit.)

Besitz und Armut (Munique 1986)

Kuster, N.

- Thomas von Celano und Klaras Armut. Beitrag zu einer Neuinterpretierung der beiden Franziskusviten und zur Diskussion über den Verfasser der Klaralegende: WiWei (1996) 45-79

- Das Armutsprivileg Innozenz' III und Klaras Testament. Echt oder raffinierte Fälschung? Coll. Franc. 66/1-2 (1996) 5-95

Leclerc, E.

Franziskus von Assisi oder Rückkehr zum Evangelium (Werl, Westf. 1983)

Lohfink, N.

Option für die Armen. Das Leitwort der Befreiungstheologie im Lichte der Bibel: Stimmen der Zeit 110 (1985) 449-464

Lorscheider, A.

Die kontemplative Dimension des Ordenslebens in Lateinamerika (Fortaleza 1980) (Este artigo, que não foi publicado, pode ser adquirido através da MZF)

Manselli, R.

Franziskus, der solidarische Bruder (Zurique 1984)

Mollnar, A.

Die Waldenser. Geschichte und europäisches Ausmass einer Ketzerbewegung (Göttingen 1980)

Missionszentrale der Franziskaner e.V. (edit.)

Da Série: "Berichte - Dokumente - Kommentare":



- Caderno 1: Pueblas Herausforderung an die Franziskaner (Bonn 1979)
- Caderno 16: Schwestern ohne Klostermauern. Franziskanerinnen inmitten der Armen (Bonn 1983)
- Caderno 18: Zwischen Anspruch und Wirklichkeit. Franziskanische Menschen stellen sich der Armut (Bonn 1983)
- Caderno 37: Wort und Leben: 500 Jahre Evangelisierung Lateinamerikas, Umkehr und Neubewertung (Bonn 1988)
- Caderno 39: Das Wort beruft das Gottesvolk (Bonn 1988)
- Caderno 47: Dein Wort ist Leben/2 - Bibelmeditationen lateinamerikanischer Ordensleute (Bonn 1991)
- Caderno 65: Mutter Erde - neue Erde. Reflexionen und Texte aus Lateinamerika (Bonn 1996)

Müller, A.

Alles hat seine Zeit. Gedanken über Gott und die Welt (Bonn 1997)

Noggler, O.

Das Leben teilen: Franziskaner unter Indianern: A. Camps/G. Hunold (edit.) Erschaffe mir ein neues Volk (Mettingen 1982) 106-118

Puebla 1979

A Evangelização no presente e no futuro da América Latina. Texto oficial da CNBB, Editora Vozes 1979

Ratzinger, J.

Der Einfluss des Bettelordenstretes auf die Entwicklung der Lehre vom päpstlichen Universalprimat. Unter besonderer Berücksichtigung des heiligen Bonaventura: Theologie in Geschichte und Gegenwart (Munich 1957) 697-724

Rotzetter, A.

- Die Entscheidung des hl. Franz für die Armen: Franziskanische Studien 64 (1982) 27-45
- Franz von Assisi und die Kirche der Armen: Geist und Leben 56 (1983) 252-261

Schmitt, J.C.

Les citations bibliques et canoniques dans les traités médiévaux sur la pauvreté (XIV-XV siècles): Etudes, 547

Schottroff, L./Stegemann, W.

Jesus von Nazareth, Hoffnung der Armen (Stuttgart 1978)

Strahm, R.

Warum sie so arm sind (Wuppertal 1992)

Tagore, R.

Githqnjali: Bruder aller Menschen. Der missionarische Aufbruch in Franziskus von Assisi. Edit. pela MZF (Werl 1976) 77

Zorell, F.

- Lexicon Hebraicum Veteris Testamenti (Roma 1989)
- Lexicon Graecum Novi Testamenti (Roma 199)

Frontispício:

São Francisco, do título do livro: *“Io Francesco”* de Carlo Carretto

Frontispício interior:

Presépio. Origem desconhecida

p.04: Maria e Jesus. Beate Heinen 1977

p.05: Sermão da Montanha. Gravura de Azariak Mbatha, África do Sul

p.11: Desenho de Hans Giebeler

p.12: O Ressuscitado, a caminho com o povo de Deus. Pintura a óleo de Adolfo Pérez Esquivel, Buenos Aires 1991

p.13: Pobres orando, e Deus que os escuta. Miniatura, séc. XV, Biblioteca Nacional, Paris

p.14: Ilustração do Salmo 112, 1.5.9., representando o *“homem que teme o Senhor, que se compadece e empresta, e reparte generosamente com os pobres”*. Do saltério de Canterbury, séc. XIII, Biblioteca Nacional de Paris

p.15, em cima: Fariseu e escriba. Mosáico de Kariye Djami, Istambul, séc. XIV

p.15, em baixo: O Bom Pastor. Sarcófago, Roma, cerca de 270 d.C.

p.16: Jesus ressuscitado entre os pobres. Desenho da América Latina

p.18: Detalhe do Último Juízo, de A.Orcagna, Florença

p.20: Francisco dá o seu manto a um pobre cavaleiro. Miniatura do Códice Legenda Maior, séc. XV, Museu franciscano, Roma

p.22: Santa Inês. Figura da tumba de Ludmila, Praga

p.23: *Privilegium Paupertatis*. Desenho do séc. XVI

p.26: Cristo une Francisco e a Senhora Pobreza. Do *“Maestro delle Vele”*, discípulo de Giotto. Fresco de 1315, na Basílica inferior de São Francisco, em Assis



Para refletir



Pobre para os Pobres

Pobreza:
um agulhão
na carne do mundo.

Não possuir nada,
não valer nada.
O que será amanhã?
Por que eu?

Um grito pedindo vida,
mais vida ainda
e justiça.

Pobreza:
um agulhão
na carne do mundo
e da Igreja.

Não querer possuir nada.
Não querer valer nada.
Ser irmão e irmã
dos pobres,
voluntariamente.

Viver sem seguranças.
Reconhecer
a própria indigência,
escolhendo
a riqueza,
como criatura de Deus.

Pobreza,
um grito pedindo vida
mais vida ainda
um grito também de amor.

Thomas Dienberg, OFMCap

Para adquirir os cadernos das lições, favor entrar em contato com:



FAMÍLIA FRANCISCANA DO BRASIL

CNPJ 31.166.622/0001-18

Rua Coronel Veiga, 1705 - CEP 25655-152

Caixa Postal 90.174 - CEP 25621-970

PETRÓPOLIS - RJ

PABX (0xx24) 2242-5247 e 2242-1300

FAX (0xx24) 2242-7644

E-mail: ffb@compuland.com.br

Lições já publicadas:

9. A missão franciscana segundo as fontes modernas
10. Unidade de contemplação e missão
11. Decisão por Cristo e amplitude universal
12. Fraternidade universal: Reconciliação com Deus, com o homem e a natureza
13. A missão franciscana e o anúncio da palavra
14. Irmãs e irmãos num mundo secularizado
15. O diálogo com outras religiões: Um caminho franciscano
16. Encontro com os muçulmanos
17. Inculturação, tarefa franciscana
18. O sonho franciscano de uma Igreja ameríndia
19. Francisco de Assis e a opção pelos pobres
20. Teologia da Libertação na visão franciscana

Próximas lições a serem publicadas

- 21a. Crítica Profética de Sistemas Sociais na perspectiva franciscana:
Parte I: O Capitalismo
- 21 b. Crítica Profética de Sistemas Sociais na perspectiva franciscana:
Parte II: O Marxismo
22. "Como homem e mulher Ele os criou" – Um desafio franciscano
23. Empenho franciscano pela Paz
24. Nossa relação com a Ciência e a Técnica
25. A Missão permanente dos franciscanos na Igreja